



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2019)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

Merchants of Truth: The Business of News and the Fight for Facts [EPUB], Nova Iorque: Simon & Schuster, 2019, de Jill Abramson; Breaking News: The Remaking of Journalism and Why it Matters Now [EPUB], Edimburgo: Canongate (E-book), 2018, de Alan Rusbridge

João Miranda 

Como Citar | How to cite:

Miranda, J. (2019). *Merchants of Truth: The Business of News and the Fight for Facts [EPUB]*, Nova Iorque: Simon & Schuster, 2019, de Jill Abramson; *Breaking News: The Remaking of Journalism and Why it Matters Now [EPUB]*, Edimburgo: Canongate (E-book), 2018, de Alan Rusbridge. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (51), 102-108. Retrieved from <https://revistas.fcsh.unl.pt/rcl/article/view/1453>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Merchants of Truth: The Business of News and the Fight for Facts [EPUB], Nova Iorque: Simon & Schuster, 2019, de Jill Abramson

Breaking News: The Remaking of Journalism and Why it Matters Now [EPUB], Edimburgo: Canongate (E-book), 2018, de Alan Rusbridger

Ethical Journalism in a Populist Age [EPUB], Lanham: Rowman & Littlefield, 2019, de Stephen J. A. Ward

João Miranda

Universidade de Coimbra/Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20)
joaomsantosmiranda@gmail.com

Resumo

A partir dos contributos de Alan Rusbridger, Stephen Ward e Jill Abramson, este texto procura discutir o espaço e papel da informação pública e dos jornalistas no funcionamento dos regimes democráticos e das suas instituições. Simultaneamente, busca localizar os desafios contemporâneos colocados à relação entre a sociedade e a informação, incidindo em fatores como a transformação do ecossistema comunicacional ou a crise do modelo de negócio da informação.

Palavras-chave: jornalismo; *media*; crise da informação; democracia; ética do jornalismo

No início de 2017, era já evidente. Para Alan Rusbridger, aquilo que os jornalistas anteviam há já algum tempo tornara-se uma constatação relativamente generalizada: as notícias - ou, pelo menos, a representação que delas temos - estão danificadas.

O quase monopólio dos *media* tradicionais no acesso ao espaço público deu lugar a um imenso universo de emissores, que, por sua vez, revela marcas distintas de sobreprodução (e de sobreposição) de informação. O modelo de negócio que durante anos suportou o jornalismo esgotou-se, não se perspetivando uma alternativa suficientemente abrangente ou adequada que garanta a sustentabilidade da atividade como um todo. Perante as ameaças, mas também as possibilidades, deste novo cenário, a oferta dos *media* mostra sinais claros de prosseguir orientações iminentemente comerciais, desvalorizando a dimensão social da atividade informativa. Pelo caminho, o próprio jornalismo foi cedendo espaço a domínios contíguos da comunicação, tradicionalmente considerados incompatíveis com o seu compromisso público.

O impacto da transformação da esfera comunicacional tende, evidentemente, a reverberar-se também na relação da sociedade com a informação. As noções basilares de realidade e verdade jornalística - aquela ideia de uma informação comprovada, rigorosa e equilibrada - são progressivamente desafiadas e contestadas. As fronteiras que distinguem a factualidade da ficção vêm-se diariamente disputadas por lógicas que não obedecem apenas, ou estritamente, a propósitos ideológicos. Os indícios de desconfiança na informação são acompanhados de um progressivo descrédito na autoridade de os jornalistas produzirem um bem público avocada pela imprensa, assim como na sua capacidade para vigiar e responsabilizar os agentes de poder.

No âmbito dos estudos do jornalismo, este quadro de preocupações está longe de ser recente. No entanto, e como o demonstram, a título de exemplo, os temas que dominaram a edição comemorativa do 20º aniversário da revista *Journalism* (janeiro de 2019), estas questões integram um quadro renovado de preocupações, consideradas nucleares para uma linha de investigação que busca compreender os fundamentos deste contexto e discutir o lugar do jornalismo numa sociedade em contínua transformação.

No último biénio, três livros vieram emprestar um contributo essencial para esta discussão. Apesar de estarmos perante investigações de antigos jornalistas que enveredaram pela via académica, os trabalhos refletem objetivos, interpelações e formas de ver o jornalismo relativamente divergentes.

Breaking News: the remaking of journalism and why it matters now (2018), de Alan Rusbridger, é assumidamente um livro de memórias. Na obra, o ex-diretor do *The Guardian* e atual presidente do Reuters Institute for the Study of Journalism percorre com relativo pormenor a sua experiência profissional no jornalismo, desde o verão de 1976, quando começou mais uma etapa (p. 22) num, hoje, arcaico processo de produção do então denominado *Cambridge Evening News*, até ao período em que deixou a direção de um projeto pioneiro digital e globalmente prestigiado como o *The Guardian*. O detalhe que Rusbridger empresta à narrativa de episódios marcantes deste último jornal torna *Breaking News* uma obra fundamental para quem queira empreender uma leitura da história recente do jornalismo: estão lá os relatos do caso Snowden e da complexa relação com o Wikileaks, bem como uma exaustiva descrição do processo de afirmação global do *The Guardian* no mundo digital – incluindo vários episódios sobre a interação, nem sempre fácil, entre o piso destinado ao jornal impresso e o andar da edição digital. No entanto, *Breaking News* está longe de se resumir a um livro sobre o *The Guardian* ou sobre o seu antigo diretor. Recorde-se, de resto, que foi durante o mandato de Rusbridger à frente do jornal que Nick Davies desenvolveu o extenso trabalho de investigação sobre as práticas da imprensa britânica, que viria a ser fundamental na exposição do escândalo das escutas ilegais do *News of the World*, e que receberia uma resposta hostil de um segmento substancial da Fleet Street. Esse passado

encontra-se bem vincado na leitura crítica que Rusbridger, amiúde, desenvolve acerca das escolhas editoriais de vários jornais concorrentes e dos seus modelos de negócio. Se, em 1976, nenhum jornalista estaria importado em sequer conversar sobre “modelos de negócio” (p. 29), hoje o conceito domina a discussão sobre o jornalismo, e Rusbridger presta-lhe bastante atenção. Destaque-se, a título de exemplo, o debate desenvolvido sobre os efeitos nocivos da *paywall* no acesso à informação (p. 12), a génese do modelo de *membership* (p. 285), os dilemas éticos que subjazem ao financiamento por fundações (p. 347) ou ainda as possibilidades do financiamento público do jornalismo (p. 379). Por sua vez, *Ethical Journalism in a Populist Age* (2019) não pode ser lido de forma isolada. Este trabalho de Stephen Ward insere-se num quadro de reflexão que o autor vem desenvolvendo sobre a necessidade de reequacionar os fundamentos éticos do exercício do jornalismo, onde se inscrevem, a título de exemplo, a ideia de uma “ética aberta” (Ward e Wasserman, 2010; 2015) ou a proposta de um enquadramento ético para um jornalismo global (Ward, 2010; 2013). Aliás, este novo livro pode ser entendido como uma extensão da obra contemporânea *Disrupting Journalism Ethics*, onde Ward (2019) sugere o abandono dos dualismos do pensamento deontológico tradicional do jornalismo, em benefício de uma visão mais holística. Para o autor, tal significa deixar as perspetivas que encaram o jornalista como um espetador neutro para reconhecê-lo como um agente “engajado” – engajado com a responsabilidade social da sua atividade, com as necessidades do público e com a promoção de uma democracia dialógica. Em *Ethical Journalism in a Populist Age*, Ward visa centrar essa linha de pensamento na exploração de respostas para o que denomina como uma “esfera pública poluída” (p. 10), decorrente da sua progressiva globalização, do advento de tecnologias de informação propícias a difundir desinformação, divisão e ódio, e da emergência do populismo extremo e da sua infiltração na política *mainstream*. Tendo estes elementos em perspetiva, Ward dedica a primeira metade da obra a discutir o lugar do jornalismo nesta esfera pública intoxicada. Nesta secção, confere um espaço substancial à complexa tarefa de definição de “populismo”, procurando descrever a evolução do conceito ao longo dos tempos e a sua relação com a atividade jornalística. Da necessidade de destringir a amplitude do termo “populismo” e de enquadrar os desafios contemporâneos da democracia, o autor busca explorar a definição de um outro conceito, “populismo extremo” (p. 86), onde insere as recentes vagas políticas que ameaçam os regimes democráticos e as suas instituições (p.90). A natureza descritiva da primeira parte dá lugar a uma dimensão mais propositiva, na segunda metade, onde Ward prossegue o seu argumento sobre o imperativo de os profissionais adotarem uma nova filosofia. Paralelamente, o autor oferece uma série de diretrizes práticas destinadas a orientar os profissionais na tarefa de “desintoxicar a esfera pública”. Aqui incluem-se um “índice de democracia”, reservado a avaliar e detetar agentes políticos não democráticos (p. 123),

procedimentos para noticiar discursos de ódio (p. 145) ou, mesmo, recomendações mais específicas sobre como abordar os *tweets* de Donald Trump (p. 154).

Tomando como referência a estrutura da obra de David Halberstam (1979) sobre o sistema mediático dos EUA, em *Merchants of Truth: the business of news and the fight for facts* (2019), Jill Abramson procura traçar o retrato do contexto contemporâneo do jornalismo norte-americano a partir da realidade de quatro organizações de *media* distintas. De um lado, encontramos os emblemáticos *The New York Times* e *Washington Post*, debatendo-se “no meio de uma transição tecnológica extremamente disruptiva e batalhando para manter a sua relevância e valores essenciais”. No outro, temos dois jovens projetos - *Buzzfeed* e *Vice*. Para Abramson, estamos perante dois “elementos improváveis no terreno noticioso, mas que ganharam vantagem num momento em que são as grandes plataformas de *social media*, e não os pequenos editores, a trazer as audiências para as notícias” (p. 12). A par do relato mais pormenorizado da história destes quatro *media*, a ex-diretora do *The New York Times* busca essencialmente compreender os caminhos que conduziram à atual situação precária da imprensa norte-americana, mas também desvendar possíveis saídas ou alternativas. As respostas que Abramson sugere não são novas, nem inéditas. Distinguem-se, porém, na marcada crítica dirigida ao interior das empresas jornalísticas (em particular, às suas administrações) e à sua cedência a propósitos iminentemente comerciais. Reside, aliás, neste âmbito uma das conclusões mais genéricas que podemos retirar do trabalho de Abramson e que se prende com uma distinção entre os projetos tradicionais e os novos produtos editoriais: enquanto nos primeiros a parede que separa a decisão editorial da gestão administrativa e comercial se foi desvanecendo, acentuando tensões dentro da própria organização informativa, os segundos emergem dessa convergência de campos, buscando posteriormente consolidar uma dimensão pública de credibilidade e respeitabilidade. Isto tende, evidentemente, a refletir-se em visões bastantes matizadas sobre o papel da informação na sociedade contemporânea.

Das três obras, aqui em análise, *Merchants of Truth* será aquela em que mais transparece uma abordagem jornalística, evidente no detalhe (por várias vezes exagerado) com que Abramson se entrega à narrativa e que contribui para um livro bastante extenso. No entanto, *Merchants of Truth* revela também um marcado cunho autobiográfico, onde a autora procura ajustar contas, esclarecendo os contornos da sua saída do *The New York Times*, assim como denunciar, a partir de múltiplos episódios, as condições hostis e difíceis que as mulheres jornalistas encontram no seu ambiente de trabalho.

Não obstante os diferentes estilos, abordagens e propósitos, existem dois elementos comuns, que percorrem as três obras: a convicção de que o jornalismo assume um papel fundamental no funcionamento dos sistemas democráticos e o reconhecimento de que a sua capacidade de responder a essa incumbência se encontra ameaçada ou, pelo menos,

particularmente dificultada. Se, por um lado, o advento da internet e das dinâmicas participativas da Web 2.0 potenciaram o declínio da exclusividade dos jornalistas na produção de conteúdos informativos (Ward, p. 25), por outro lado, conduziram também à afirmação do domínio de novas plataformas infomediáticas que, de diferentes formas, vieram ocupar o espaço de soberania estratégica dos *media* tradicionais (Rudsbridger, p. 364). A este propósito, é sintomático o facto de Abramson dedicar um capítulo exclusivo à história do Facebook.

Num contexto de abundância e disponibilização gratuita de conteúdos, seria, pois, previsível que a sustentabilidade financeira dos projetos editoriais não demorasse a ressentir-se. A queda do consumo pago de notícias foi acompanhada por uma migração do investimento publicitário para novos espaços, resultando no encerramento de jornais – com especial expressão entre o jornalismo local, onde a internet não demonstrou ainda capacidade de suprir o vácuo deixado – e em múltiplos processos de reestruturação das redações (Abramson, pp.105 e 470). Os fatores externos de desestabilização da imprensa não devem, contudo, isentar as responsabilidades do próprio jornalismo na formação dessa tempestade perfeita – onde se inclui a intermediação de interesses administrativos e comerciais nem sempre claros, que olham para os seus meios como “jornais troféu” (Rudsbridger, p. 297). Por seu lado, o potencial de participação democrática que o advento de novas redes globais de comunicação prognosticava esbarrou na formação de novas realidades tendentes a sublinhar divisões económicas, étnicas e ideológicas, alicerçadas na proliferação de novos formatos de desinformação e discurso de ódio (Ward, p. 25). Esta intoxicação da esfera pública é igualmente alimentada pelo ressurgimento ou ascensão de novos atores políticos que, por via do seu discurso, participam na degradação do debate público e na reprodução da desconfiança e descrédito no papel da imprensa (Ward, p. 95).

Mas, se estas diferentes linhas são reveladoras dos desafios e das ameaças que se colocam à imprensa, são também sintomáticas da crescente relevância que o jornalismo assume – ou deve assumir (Ward, p. 10) – na manutenção e salvaguarda das condições para o funcionamento da democracia. As três obras encerram múltiplas orientações e caminhos com vista a assegurar os alicerces para concretização desse ideal. Abramson (p. 473), por exemplo, deixa implícito um importante e interessante alerta sobre os perigos inerentes à exploração do, entretanto convencionado, “Trump bump”. Rusbridger alude, repetidamente, à relevância das organizações na condução da tarefa que é confiada à imprensa: “os grandes repórteres são justamente celebrados. Mas eles são – geralmente – apenas tão bons quanto a instituição que os suporta. Se o seu trabalho realmente desafiar o poder, eles necessitarão da coragem organizacional atrás de si” (p. 21). Paralelamente, o ex-diretor do *The Guardian* oferece relevantes pistas para um debate progressivamente atual

sobre o que poderá ser a “derradeira garantia do jornalismo”, isto é, “que permaneça um bem público” (p. 379). Por seu lado, Ward (p. 10) desenvolve aprofundadamente as bases do que considera ser o imperativo de se repensar o papel do jornalismo na sociedade, empenhando-se na garantia e cumprimento dos princípios democráticos.

Conquanto deixem transparecer marcas de esperança no horizonte próximo da informação e do seu espaço na sociedade, nenhum dos autores assume uma posição perentória ou taxativa sobre o futuro do jornalismo. De resto, como comenta Rusbridger (p. 364), esta é “uma história meio contada”, ainda sem um desfecho bem definido. No entanto, os desafios e dilemas que se colocam ao funcionamento das sociedades democráticas tendem a sublinhar, como subentende Abramson, a indispensabilidade da intervenção de jornalistas e organizações mediáticas; mas também, como defende Ward, a reivindicação de o jornalismo ser capaz de abandonar posições isolacionistas, no sentido de criar pontes com outros agentes da sociedade na promoção dos princípios democráticos e de uma informação pública responsável e credível. Afinal, como conclui Rusbridger (p. 387), “não queremos um mundo sem notícias”.

Bibliografia

Halberstam, David. 1979. *The Powers That Be*. Nova Iorque: Knopf.

Ward, Stephen J. A. 2010. *Global Journalism Ethics*. Montreal: McGill-Queen's University Press.

Ward, Stephen J. A. 2013. *Global Media Ethics: Problems and Perspectives*. Malden: Wiley-Blackwell.

Ward, Stephen J. A. 2019. *Disrupting Journalism Ethics: Radical Change on the Frontier of Digital Media*. Nova Iorque: Routledge.

Ward, Stephen J. A. e Wasserman, Herman 2010. “Towards an Open Ethics: Implications of New Media Platforms for Global Ethics Discourse.” *Journal of Mass Media Ethics* 25(4): 275-292.

Nota biográfica

João Miranda é docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX. É autor da tese de doutoramento “O Papel dos Jornalistas na Regulação da Informação: Caracterização socioprofissional, *accountability* e modelos de regulação em Portugal e na Europa”.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4720-3724>

Morada institucional: Rua Filipe Simões nº 33, 3000-186 Coimbra

Recebido/ Received 2019-07-11

Aceite/ Accepted 2019-12-20